

PORTUGUÊS

INSTRUÇÃO: As questões de números 20 a 25 tomam por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro

(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitais. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança macabra, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam parnasiana, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascer, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a Praia do Flamengo, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o Samba, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubestes dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a

biblioteca de parnasianos. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!

(Raimundo Correia. Correspondência. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)

Todos Cantam sua Terra...
(1929)

[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer coisa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão.

Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.

[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)

Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos achamos.

E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.

[...] No seio deste Modernismo já se opera uma reação

anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.

(Jorge de Lima. Ensaaios. In: *Poesias completas* – v. 4.
Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

Embora de épocas diferentes, Raimundo Correia e Jorge de Lima revelam estar imbuídos do mesmo propósito com relação aos problemas da Literatura Brasileira. A partir deste comentário, releia os dois trechos e, a seguir,

- a) identifique o sentimento em relação ao Brasil que aproxima os dois escritores e serve de base para suas observações críticas sobre a Literatura Brasileira.
- b) demonstre o caráter pessimista da conclusão a que chega Raimundo Correia sobre o Parnasianismo no Brasil.

Resolução

- a) *Tanto Raimundo Correia quanto Jorge de Lima aspiravam por uma literatura que exprimisse o Brasil, mas a literatura que se fazia no país, na época de cada um deles, carecia, segundo eles, de genuína brasilidade. Em outras palavras: faltava verdadeiro sentido nacional à poesia parnasiana, que ignorava o Brasil, como lamentava Raimundo Correia, e faltava também autêntico e espontâneo sentido nacional à literatura modernista, apesar do deliberado e forçado brasileirismo desta, como observava Jorge de Lima, na linha de Tristão de Ataíde.*
- b) *Para Raimundo Correia, a falta de brasilidade da poesia parnasiana ("literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa") tornava seus produtos "aleijados e raquíticos". O poeta considerava que tais produtos "apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido". Portanto, Raimundo Correia fazia, a respeito do Parnasianismo, um juízo ainda mais negativo do que aquele autorizado pela perspectiva histórica de hoje, mais de um século depois.*

O movimento romântico brasileiro, ao imitar os padrões do Romantismo europeu, viu-se diante do problema de não encontrar, em nosso passado, heróis equiparáveis aos cavaleiros medievais. Nossos escritores, por isso, movidos pelo sentimento nativista, serviram-se em suas ficções da figura do índio como herói cavaleiresco. Releia o texto de Jorge de Lima e, a seguir,

- a) aponte as razões que levam o escritor a afirmar que não podemos achar Brasil no índio de Alencar e de Gonçalves Dias.
- b) considerando que o Abolicionismo foi um evento da História do Brasil que levou à lei da libertação dos escravos negros, explique como se pode entender, nas palavras de Jorge de Lima, o abolicionismo "literário" do índio, buscado por Alencar.

Resolução

- a) *A observação de Jorge de Lima de que o indianismo de Alencar e Gonçalves Dias corresponde a uma falsa caracterização do índio, elaborada segundo padrões europeus (de fonte sobretudo lusa), é hoje consensual entre os críticos e historiadores da literatura brasileira – e isso a despeito do valor literário que cada um possa conceder a essa fantasia nativista. Para Jorge de Lima, há ainda a agravante de os dois escritores românticos terem isolado o índio do negro, dando "a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone".*
- b) *Jorge de Lima considera que o indianismo correspondia a uma campanha em prol do "abolicionismo literário" do índio, como se este, e não o negro, fosse a vítima da escravidão. Ou seja: assim como ignoraram a realidade do índio, representando-o segundo as convenções com que o romance histórico europeu (com Herculano, em Portugal) idealizava o cavaleiro medieval, assim também os indianistas ignoraram a verdadeira situação da sociedade brasileira, onde o elemento oprimido a ser liberado era antes o negro, massacrado social e culturalmente no centro daquela sociedade, que o índio, deixando à margem dela.*

O Modernismo buscou, em sua fase inicial, um novo discurso pela quebra de padrões sintáticos e o emprego de características da linguagem coloquial. Com base nestas informações, responda.

- a) O que significam os neologismos anti-ANTISINTAXE e anti-ANTIGRAMATICAL, no texto de Jorge de Lima?
- b) O texto de Jorge de Lima foi escrito em 1929. No caso de esses dois neologismos não estarem grafados de acordo com o que dispõe o nosso Sistema Ortográfico, que é de 1943, indique as grafias obedientes à regra ortográfica atual, segundo a qual o prefixo *anti-* só deve ser acompanhado de hífen diante de *h*, *r* e *s*.

Resolução

- a) *Um dos aspectos mais polêmicos da "revolta" modernista característica dos anos heróicos do movimento (1922-1930) consistiu nas inovações lingüísticas, pelas quais os modernistas brasileiros visavam a abandonar os ditames da linguagem literária tradicional naquilo em que ela se chocava com o uso brasileiro. Daí o desrespeito, sistemático em certos autores (sendo Mário de Andrade o mais eminente deles), das normas sintáticas ou, em geral, dos preceitos gramaticais da norma culta de extração portuguesa. Na altura em que escreve, Jorge de Lima já pode constatar uma reação em sentido inverso, contrária ao desrespeito indiscriminado das normas tradicionais da sintaxe (a "reação anti-ANTI-SINTAXE") ou da gramática em geral (a tendência "anti-ANTIGRAMATICAL"). Tal reação, no sentido de maior disciplina lingüística, de fato ocorreu nas décadas de 30 e 40.*
- b) *O primeiro neologismo, "anti-ANTISINTAXE", hoje seria grafado com hífen em outra posição: "antianti-sintaxe"; o segundo, "anti-ANTIGRAMATICAL", hoje dispensaria o hífen: "antiantigramatical".*

Os escritores, em busca de maior expressividade para determinadas passagens de seus textos, apresentam seqüências de períodos que, noutras passagens, poderiam estar configuradas como um único período. A partir desta observação:

- a) reescreva os três primeiros períodos do primeiro parágrafo do texto de Jorge de Lima como um único período.
- b) considere que “enxergou”, “deu fé”, “se esquecera”, “se expressava”, “enveredara” e “se perdera” implicam como sujeito pessoas – o que não é o caso de “literatura” – e substitua o sintagma “a literatura brasileira moderna” por outro cujo núcleo atenda a essa implicação do significado de tais verbos.

Resolução

- a) *Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer coisa às claras, pois [que] deu fé que estava em erro: esquecera-se do Brasil, expressava-se numa língua que não era a fala do povo, enveredara por Terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo.*
- b) *A expressão "o escritor modernista brasileiro" poderia substituir o sujeito "a literatura brasileira moderna". Assim, o agente inanimado "literatura" seria substituído por um agente animado, tal como postulam os verbos que o predicam. Acrescente-se que esse sujeito poderia manter-se no singular, para não alterar a flexão dos verbos, valendo tal singular, metonimicamente, por plural.*

Freqüentemente, quer na fala, quer na escrita, em vez de nos referirmos diretamente a um fato, fazemo-lo por meio de comparações, metáforas e alegorias. Com base neste comentário,

- a) estabeleça o significado efetivo da seguinte frase alegórica no texto de Raimundo Correia: "O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje."
- b) ciente de que a palavra "garrancho" apresenta, entre outras acepções, "letra mal traçada, quase ilegível", identifique o aspecto desta acepção que Jorge de Lima mobiliza figuradamente no último período de seu texto, para definir a produção literária brasileira anterior ao Modernismo.

Resolução

- a) Na frase de Raimundo Correia, a alegoria (encadeamento de metáforas) tem como figura central "sol do futuro", significando algo como "a consagração da história". Segundo essa frase, a história de nossa literatura não consagraria os produtos artificiais do Parnasianismo, mas a poesia mais natural e nacional que seu interlocutor estaria então praticando.
- b) Para Jorge de Lima, a tradição literária brasileira até então era constituída por obras de precário valor, "garranchos", resultantes de tentativas equivocadas de adaptação de modelos europeus à situação nacional. Tal tradição literária – cuja insuficiência ele aponta, ironicamente, referindo-se a uma frase célebre da carta de Caminha – não ofereceria sustentação a qualquer tentativa de renovação do presente através de uma volta ao passado.

As orações subordinadas adjetivas se identificam por se referirem, como os adjetivos, a um substantivo antecedente, integrando-se, deste modo, ao sintagma nominal de que tal substantivo constitui o núcleo. De posse desta informação,

- a) indique as duas orações adjetivas que aparecem no período seguinte do texto de Raimundo Correia e identifique o sintagma nominal a que se integram: “Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi.”
- b) aponte dois termos de orações desse período que estejam ocultos, isto é, não expressos na superfície da oração, embora implícitos em sua estrutura.

Resolução

- a) *As duas orações adjetivas que aparecem no período são “que nunca viu” e “a que nunca foi”. Na primeira, o sintagma nominal que antecede o pronome relativo é “Partenon de Atenas”, sendo “Partenon” o núcleo substantivo do sintagma; na segunda, é “Japão” que constitui o próprio núcleo do sintagma.*
- b) *Tem-se zeugma na omissão dos termos “canta” e “poeta” presentes no texto. Os trechos em que aparecem implícitos são “que o poeta nunca viu”, “outro poeta canta os costumes de um Japão...”*